

SÍNTESE DO SÍNODO 2021/2023
FASE DIOCESANA
DIOCESE DE CAXIAS DO SUL
REGIONAL SUL 3
RIO GRANDE DO SUL

Com alegria, apresentamos a síntese da Diocese de Caxias do Sul, decorrente do processo de escuta da Fase Diocesana do Sínodo dos Bispos 2021-2023, convocado pelo Papa Francisco: “*Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão*”. A Diocese de Caxias do Sul pertence ao Regional Sul 3 e foi criada em 1934. É formada por 32 municípios, 73 paróquias e 983 comunidades e tem sua sede na cidade de Caxias do Sul. Esta Síntese foi elaborada em duas etapas de escuta, uma no segundo semestre de 2021 e uma escuta complementar no primeiro semestre de 2022, mais, precisamente, até o final do mês de maio de 2022. Este documento contempla os aspectos pontuados pelos leigos, leigas, lideranças eclesiais, sociais, políticas culturais da nossa complexa e diversificada sociedade contemporânea. Também compõe o rol das representações e reflexões às respostas vindas por parte do bispo diocesano, dos sacerdotes, dos religiosos e religiosas que atuam nas paróquias, das mais diversas pastorais e dos movimentos da Diocese de Caxias do Sul.

Neste processo de escuta ouvimos e refletimos as considerações, as ideias e as reflexões ponderadas, compiladas nesta Síntese, que apresenta a opinião da porção do Povo de Deus, presente na Diocese de Caxias do Sul. No segundo semestre de 2021, elaborou-se um *folder* com a orientação de todo processo sinodal na Diocese. Neste *folder* continha e resumia as questões mais importantes para a compreensão do processo sinodal. Por meio do *folder* objetivou-se chegar às Comunidades-Igreja e às Paróquias da Diocese. Foi posta também a possibilidade de contribuição via formulário eletrônico por meio do *QRCode*. Muitas respostas vieram impressas e foram entregues e muitas respostas vieram por meio do formulário eletrônico. Pode-se, grosso modo, assumir o número de aproximadamente de 5 mil participantes nas respostas advindas, seja de modo impresso ou virtual. Estas respostas estiveram a sob o cuidado da Coordenação Diocesana de Pastoral.

Em comunhão e em unidade com toda a Igreja, no dia 17 de outubro de 2021, houve a Missa de Abertura do Processo Sinodal na Diocese de Caxias do Sul, às 15h, no Santuário Diocesano Nossa Senhora de Caravaggio, em Farroupilha. Nos dias 21 e 27 de outubro de 2021, houve a formação (*online*) para a Equipe Sinodal Diocesana e para todos os leigos e leigas das Paróquias e Comunidades-Igreja. Em novembro de 2021, houve uma longa discussão nas Regiões (7) de Pastoral da Diocese. Houve, também, no mês de novembro de 2021, encontros (*online*) específicos com os padres, religiosos e religiosas, e com catequistas da Diocese. No dia 04 de dezembro de 2021, houve o Conselho Diocesano de Pastoral e o tema principal do encontro foi a *Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão*. A partir das respostas vindas via formulário eletrônico, das respostas entregues impressas, da repercussão do Conselho Diocesano de Pastoral, em dezembro de 2021, fez-se uma Síntese prévia do processo de escuta e de discussão. Uma vez elaborada a Síntese, esta foi postada no Site da Diocese de Caxias do Sul, tendo sido deixada a possibilidade de observações, complementações e mesmo críticas à referida Síntese.

Com a prorrogação do prazo de entrega, por parte da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), no dia 12 de março de 2022, no Conselho Diocesano de Pastoral, trabalhou-se, novamente, a temática do Sínodo: *Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão*, apresentando a primeira versão da Síntese. Após mais uma escuta sinodal, fizeram-se pontuações, complementações à Síntese. E, de novo, fez-se a motivação, para que as pessoas, pastorais e movimentos pudessem acessar a Síntese e tecer possíveis

considerações e complementações. Além desses momentos, no dia 30 de abril de 2022, houve mais um momento muito importante. Aconteceu o Conselho Diocesano de Leigos e Leigas, cuja temática central foi justamente: *Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão*.

Por fim, deu-se o prazo de 31 de maio de 2022 como limite para novas considerações e complementações para a Síntese Final da Fase Diocesana do processo de escuta. No dia 26 de junho de 2022, a Equipe Diocesana do Sínodo reuniu-se para escrever a Síntese Final Diocesana. No dia 03 de julho de 2022, na Celebração Eucarística da Catedral Diocesana de Caxias do Sul, às 19h, na cidade de Caxias do Sul, a Síntese Final foi entregue ao Bispo Diocesano de Caxias do Sul, Dom José Gislon.

Todo o processo da Etapa Diocesana teve como questão fundamental: Uma Igreja sinodal, ao anunciar o Evangelho, caminha em conjunto. Como é que este caminho em conjunto está acontecendo na nossa Igreja local? Que passos é que o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso caminhar juntos?

Vivemos hoje um contexto e época singulares e um momento, curiosamente, ambíguo. Sem dificuldades, podemos afirmar que nunca houve, por um lado, tantas facilidades como na época atual, mas, ao mesmo tempo, por outro lado, sente-se o peso e a responsabilidade por tantos desafios que se apresentam com complexidades, às vezes, veladas e camufladas. Com os avanços da ciência e da tecnologia o mundo se tornou uma aldeia global. Os avanços alcançados pelo desenvolvimento científico e tecnológico, nos campos da biologia, da saúde e da vida, principalmente, nos últimos cinquenta anos, têm colocado a humanidade diante de situações, até há pouco tempo, inimagináveis.

A Igreja local, ao deixar sua contribuição para o Sínodo, não deixou de olhar para realidade complexa do mundo contemporâneo, mas, ao mesmo tempo, manifestou que o cristão não pode ser protagonista do desânimo e da desesperança. Precisamos, além de olhar e constatar a realidade com atenção e com objetividade crítica, agir. Não podemos esquecer que a Igreja é guiada pela luz e força do Espírito Santo e não é a primeira vez que a Igreja presencia dificuldades e tempos difíceis.

O Papa Francisco, na encíclica, *Fratelli Tutti*, convida-nos a superar a cultura do descarte, do individualismo consumista e da competição. Ele sublinha a urgência de uma cultura do encontro, de *sinodalidade*, de diálogo respeitoso às diferenças, da passagem da desconfiança e do ódio para um estilo de vida de contato, de pontes, do prazer de reconhecer o outro em seu direito de ser ele próprio e de ser diferente. E, diante disso, alguns aspectos e tendências são urgentes de observação e discernimento para nós, servos e servas fiéis *Evangelho da alegria*.

A partir e à luz das respostas enviadas à Equipe de Coordenação da Fase Diocesana do Sínodo, foi possível observar o trabalho belíssimo que foi e está sendo realizado em nossa Diocese. Há, porém, pontos muito significativos sublinhados que, em alguns casos, os aspectos e elos que unem a comunidade são, também, ao mesmo tempo, os pontos que precisam ser melhorados. Eis a seguir os pontos reunidos pela Equipe Diocesana do Sínodo que sintetizam a Fase Diocesana do Sínodo.

1) Companheiros de viagem

Neste caminho que estamos traçando atualmente em conjunto, tendo presente que a nossa Igreja Diocesana é formada por diversas e diferentes realidades, queremos lembrar que ela é situada na Região Nordeste do Rio Grande do Sul, abrange 73 paróquias, 983 comunidades, em 32 municípios, que agregam as regiões e áreas de pastoral, sendo algumas muito urbanizadas e outras ainda com aspecto rural ou ainda uma mescla com ambas as realidades, urbana e rural. Temos também uma parte da Diocese que abrange a Região do Campo.

As Comunidades-Igreja possuem uma organização diversificada pela Diocese afora, mas todas elas contemplam, em grande proporção, os serviços, os ministérios, as pastorais, os grupos, os movimentos, as associações. Trata-se de evangelizar as famílias e animar e despertar as diversas vocações, além de buscar manter, evidentemente, as estruturas físicas, econômicas e de ajuda aos necessitados.

Alguns grupos, movimentos e pastorais possuem coordenação em nível diocesano, que ajuda a criar unidade, enquanto que algumas atividades são bem próprias e singulares em determinadas comunidades e paróquias, o que caracteriza a sua identidade e realidade, dando origem a iniciativas inovadoras e autonomia na resolução de problemas locais. Há também parcerias com empresas, entidades, ONGS, instituições de ensino e associações de moradores, em diversas ações da Igreja. Há representação de lideranças paroquiais ou leigos cristãos em alguns Conselho Paritários dos municípios, a fim de contribuir para o diálogo e crescimento da sociedade como um todo.

Dois aspectos novos surgiram nesta etapa de escuta. Um foi a de buscar, quem sabe, criar uma Pastoral de Empresários Cristãos, com a finalidade de animar e aproximar os líderes empresariais da Igreja, para que se possa viver com mais compromisso os valores éticos nas relações de trabalho e de convívio social. Outro foi buscar organizar com objetivo, passos e lugares estratégicos a Pastoral da Escuta, especialmente, nos centros mais movimentados das nossas cidades.

O número de imigrantes que ingressaram no Brasil nos últimos anos é significativo e preocupante, vindos de diversos países que fazem fronteira com o nosso país e por diversos motivos, como a falta de emprego e renda. Segundo dados do Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), das Irmãs Scalabrinianas, de 2019 a 2021, aproximadamente, imigrantes de 58 diferentes nacionalidades chegaram a alguns municípios de abrangência de nossa Diocese. Nós, como igreja, precisamos auxiliar neste processo de acolhimento e direcionamento, na busca por uma vida digna e segura. O desafio que surge é se a Igreja Católica consegue ser uma Igreja acolhedora, terna e misericordiosa. Os municípios de abrangência da Diocese recebem muitos migrantes, provenientes de diversas localidades do estado, país e mundo e procura acolhê-los, ajudá-los em suas necessidades e envolvê-los na participação da Igreja.

Em nossa Diocese temos e vemos crescer com muita rapidez uma onda muito forte de denominações religiosas. Constata-se, também, o fenômeno do trânsito religioso em crescimento expansivo. Diante dessa realidade, algumas atividades tímidas conseguimos trabalhar em conjunto, porém há muito ainda muito por fazer. Estamos sentindo muito o isolamento e o distanciamento dos trabalhos comuns e conjuntos entre as diversas denominações e credos religiosos.

Nestes últimos anos vimos aumentar e muito os moradores em situação de rua, dependentes químicos e encarcerados nas maiores cidades de nossa Diocese, e, apesar de toda a ajuda material e da existência de inúmeros serviços e pastorais, não conseguimos ajudar a todos em suas mais variadas necessidades. E, infelizmente, muitas vezes, não conseguimos nem sequer ouvi-los. Torna-se, pois, evidente e urgente a necessidade de ampliarmos e articularmos os serviços das pastorais sociais, quem sabe, sob o guarda-chuva da *Caritas*.

2) Ouvindo

Nós, como cristãos e anunciadores, da Boa Nova do Evangelho precisamos ser mais sensíveis e empáticos com a dor do outro. Quando alguém da comunidade precisa de apoio ou orientação, seja ele de qualquer forma ou necessidade, é urgente ter a sensibilidade de acolhida, escuta e encaminhamento de ajuda. Por isso, o cristão precisa dispor-se ao serviço comunitário e às pastorais. Salientamos, por exemplo, entre tantas possíveis pastorais e serviços: a) a pastoral dos enlutados em nossas comunidades e paróquias; b) a pastoral familiar com atenção especial aos casais de segunda união, com os divorciados; c) a pastoral

da acolhida dos casais homoafetivos, da pastoral de gênero, a fim de que a nossa Igreja seja mais acolhida, de cuidado, e menos de julgamento e de exclusão. Faz-se, por conseguinte, necessário intensificar a consciência, a concepção e as ações de acolhimento, de escuta, de valorização e de incentivo à participação, buscando apresentar possibilidades e atitudes de inclusão dos excluídos, independentemente, de sua idade, padrão social e cultural, cor, etnia e orientação sexual. Que nossa Igreja seja cada vez mais misericordiosa e compassiva, capaz de deixar-se, sempre mais, desafiar pelo exemplo da ação e da atuação do Mestre e Senhor Jesus Cristo, escutando o povo e acolhendo com respeito e misericórdia todas as realidades humanas. Se nada foi e é indiferente a Deus, nada pode sê-lo à Igreja e a todos os fiéis.

É notável, em diversas respostas, a necessidade de uma maior valorização da mulher dentro e fora da Igreja. Ante à numerosa, imprescindível e importante atuação da mulher nos diversos serviços e pastorais das comunidades e das paróquias, faz-se, mais do que necessário e urgente, valorizar e abrir, tanto mais possível, os espaços de reflexão e atuação da mulher não apenas nos serviços e pastorais, mas, também, e, sobremaneira, nas instâncias de reflexão e tomada de decisão. Não se pode mais “fazer de conta” que a situação e o lugar da mulher na vida da Igreja sejam meras constatações para percepção, constatação e conscientização, sem, por outro lado, não tomar atitudes e decisões conscientes de que homem e mulher são imagem e semelhança de Deus, filho e filha amados de Deus. Faz-se, portanto, mais do que emergencial, urgente e profético encontrar caminhos de atuação pastoral que tomem como critério fundamental o respeito à questão de gênero. Surgiram, portanto, diversas manifestações na direção da reflexão e decisão acerca da possibilidade da ordenação de mulheres para o grau de diaconisas e para o grau de sacerdotisas.

Outro ponto muito forte neste processo de escuta foi e é a necessidade de intensificar o trabalho junto aos jovens, introduzindo-os em todas as pastorais, para que elas sejam espaços da juventude e os jovens possam se identificar, contribuir e dinamizar a comunidade. Aqui faz-se importante frisar que, desde 2007, quando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou o Documento 85, que trata dos desafios e perspectivas para a evangelização juvenil, com a criação do Setor Juventude, nossa Igreja Diocesana vive um verdadeiro processo de *sinodalidade*. Os primeiros momentos, quando tudo era muito recente, foram anos difíceis, com discussões acaloradas e mesmo a percepção do desrespeito aos carismas. A partir da convocação da Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro, em 2013, o trabalho passou a intensificar-se, tornando-se um espaço de comunhão e construção. O Setor Juventude, por sua vez, não anula carismas, mas é lugar de traçar linhas comuns de trabalho e missão para com os jovens. Trata-se de uma experiência positiva que a Diocese de Caxias do Sul vive há vários anos.

3) Falando

A pandemia tem sido momento de reinvenção de muitas pastorais e serviços, como a organização de encontros *online* e híbridos. Este tempo mostrou também a percepção da necessidade de cada um e cada uma se encontrar com Deus, consigo mesmo, e, também, voltar-se mais para a oração. Houve, diante do aumento de pessoas e famílias passando necessidades, a urgência de pensar e efetivar novas iniciativas de assistência aos necessitados e pobres, uma vez que a pandemia aumentou o número de pobres e a concentração de renda nas mãos de poucos. Por outro lado, a pandemia levou à utilização crescente dos meios de comunicação e das redes sociais, para os encontros formativos, para as celebrações e missas. As redes sociais, especialmente, facilitaram a compreensão, o acesso fácil à oração e às informações, mesmo sem sair de casa, mantendo, por conseguinte, viva a chama da fé. As campanhas em favor dos que sofrem, as pastorais sociais, o trabalho com os migrantes, com as pessoas em situação de rua, chamada de *Hospedagem Solidária*, na Diocese de Caxias do Sul, foram apontadas como iniciativas que promovem a união e a caridade. Todavia,

simultaneamente, destacamos, com tristeza, que a pandemia afastou muito as pessoas das Comunidade-Igreja, limitou as múltiplas atividades da Igreja e favoreceu a falta de participação na vida comunitária, levando ao individualismo e ao afrouxamento e ao afastamento do envolvimento na vida comunitária e social.

A coerência entre o discurso e a prática, a fé e a vida foram muito apontados e sublinhados pelas pessoas e grupos que responderam ao questionário. A caridade e o cuidado com a vida também foram destacados, como na pergunta anterior, para que não se torne somente um assistencialismo, mas um serviço à vida, uma vez que muitas pessoas estão perdendo o sentido da vida e de participação na vida da comunidade eclesial. Faz-se urgente conhecer a realidade que nos cerca e assumir a responsabilidade da missão, visando a criar estratégias para ir ao encontro das pessoas, inclusive das famílias que se afastaram, convidando e envolvendo, por isso, mais pessoas neste processo da ação evangelizadora, sobremaneira, firmando o nobre significado do testemunho de fé cristã na vida do mundo.

4) Celebração

As Comunidades-Igreja se reúnem basicamente para a Celebração da Eucaristia, o que não acontece semanalmente na maior parte das Comunidades-Igreja da Diocese. Diante da pluralidade de realidades, nem todas as paróquias possuem a organização dos Ministros (as) da Palavra, para o Culto Dominical. Infelizmente, na Diocese, perdeu-se o sentido litúrgico-teológico do encontro dominical na Comunidade-Igreja, para a Celebração da Palavra ou a Récita do Terço, quando não houvesse e não há a presença e disponibilidade do Sacerdote, para celebrar a Eucaristia.

É preciso lembrar que o Povo de Deus se reúne para celebrar, confraternizar, e, também, prover a manutenção de suas estruturas físicas. Faz-se, pois, por outro lado, necessário incentivar as lideranças comunitárias e o Povo de Deus, para que busquem ter as igrejas abertas, semanalmente, especialmente, sábados ou domingos, para a oração comunitária, a fim de formarmos e sermos em cada comunidade, de fato, uma *Comunidade Eclesial Missionária*.

5) Partilhar a responsabilidade pela Casa Comum

A missão e o trabalho das pastorais, movimentos e serviços foram apontados como aspectos muito importantes de integração e união da comunidade. Mesmo sabendo que, em muitas vezes e ocasiões, faltam lideranças, destacamos haver muitas pessoas de boa vontade e dispostas a ajudar. Destacamos também a grande força e riqueza da catequese, nos passos da *Iniciação à Vida Cristã (IVC)*. A pastoral catequética, em particular, precisa, por isso, ser cada vez melhor articulada em vista de sua essência e missão, a saber, a de convidar, acompanhar e conduzir os catequizandos ao encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Precisamos encontrar metodologias e processos cada vez mais chamativos e envolventes, a fim de conseguir o engajamento maior das crianças, dos adolescentes e dos jovens e das famílias no processo da ação evangelizadora.

As respostas que chegaram das diversas realidades paroquiais dão conta de que a acolhida dos migrantes, dos refugiados e das famílias em situação de vulnerabilidade social está acontecendo. Em linhas gerais, todas as paróquias têm, ao menos, uma organização do serviço à caridade. A Igreja precisa se preocupar em ajudar as pessoas, para que as mesmas possam ser reinseridas e participantes na sociedade e no mercado de trabalho, como forma de restabelecimento da dignidade da pessoa humana. No entanto, existe uma barreira a vencer, a saber, o assistencialismo. Há a tentação de permanecer somente na distribuição, de forma muito assistencial, de alimentos e peças de vestuário. Ainda sobre a acolhida, há, também, uma demanda considerável de pessoas que buscam atendimento, orientação espiritual, confissão e aconselhamento. Por sua vez, sublinhamos que o trabalho dos padres já acontece,

sobretudo, nas paróquias que são referência para as respectivas cidades, especialmente, as maiores e de mais fluxo de pessoas. No entanto, o Plano de Pastoral da Diocese prevê a organização de mais espaços de escuta e de auxílio humano às pessoas que buscam atendimento e que ainda precisam ser efetivados.

6) Diálogo na Igreja e na Sociedade

Muitos salientaram a importância de aprender a buscar equilíbrio e o respeito entre as diferentes opiniões, modos de viver a fé e seus carismas. Foram encaminhadas sugestões, bem como opiniões sobre as celebrações, especialmente, no que se refere ao Rito da Missa e sobre a formação dos padres e do laicato. A Igreja caminha com os olhos fixos em Jesus Cristo, guiada pelo Espírito Santo, tendo à sua frente o sucessor de Pedro, o Papa Francisco, neste momento. Assim sendo, tanto para a Igreja diocesana, como também para a Igreja Universal, o desafio será sempre buscar o respeito, o diálogo e o entendimento acerca das diferentes formas de pensamento e tomar as decisões que seguem e contemplam os valores e as práticas do Reino de Deus. A Igreja, sobretudo, no seu âmbito local, deve propiciar momentos formativos sempre nesta ótica da ação transformadora à luz do ensinamento de Jesus Cristo, baseados, pois, na Tradição, no Magistério e na Doutrina Social da Igreja. Também é preciso pontuar a necessidade de redescobrir a beleza do Concílio Vaticano II, especialmente, e com acento, em sua eclesiologia, lembrando todo o processo de *aggiornamento* e revigoração que trouxe à Igreja, permitindo a organização das comunidades de fé que se unem em torno da Palavra e da Eucaristia, da Caridade e da Missão, à luz, também, do *Documento de Aparecida*.

No processo de escuta surgiu também a preocupação com a manutenção das estruturas físicas. Esta questão foi levantada e posta em discussão, justamente, porque muitas das lideranças estão mais envolvidas no processo com a manutenção das estruturas faraônicas dos nossos salões e com a construção de novas estruturas do que com o próprio processo de crescimento e amadurecimento da fé, seja ela pessoal, ou também, comunitária. Sublinhamos a necessidade urgente de uma corajosa e crítica reflexão e discussão da importância das estruturas das nossas comunidades, em detrimento, por sua vez, da ação evangelizadora. Salientamos a importância de uma melhor comunicação, tanto em nível interno, como também externo das ações da Igreja, para que a ação evangelizadora da comunidade de fé possa chegar às pessoas e às famílias, sem distinção e discriminação, e, assim, novas lideranças possam surgir, evidentemente, com o devido acompanhamento. Nesse sentido, apontamos para a necessidade de repensar a real finalidade das festas comunitárias, para que não se constitua, quase que exclusivamente, em meio ordinário de arrecadação financeira, ao invés de constituir-se em possibilidade de integração entre as famílias e entre as comunidades. A sustentabilidade econômica deve desafiar as paróquias e comunidades, a fim de que seja possível fortalecer as estratégias de conscientização da importância do *dízimo*, por exemplo, a ponto de cada um e uma poder sentir a alegria de colaborar com os projetos da ação evangelizadora. Acerca do *dízimo*, salientamos a importância de buscar a unidade na linguagem e também no método (meios pelos quais) de contribuição.

7) Ecumenismo

Percebemos e constatamos nas múltiplas respostas do Povo de Deus que o Espírito Santo nos convida e desafia para uma missão imprescindível, não obstante dura e árdua. A religião é uma dimensão humana importantíssima na existência humana. Ela não tem a missão de desunir e de guerrear ou conflitar. A religião ou as religiões têm a missão de crescer e caminhar na comunhão, sobretudo, a partir da perspectiva do princípio fundamental de que cada pessoa é portadora de dignidade, e, portanto, portadora de direitos e deveres que precisam ser valorizados e protegidos. O Espírito de Deus nos convida a aprender com os

irmãos de outros credos, a buscar uma maior articulação, tanto em nível de ecumenismo, como também, em nível de diálogo inter-religioso, e, mais especialmente ainda, com as igrejas e religiões presentes na Diocese, criando momentos de melhor convivência e partilha entre os cristãos, abrindo-se, por conseguinte, para além das Igrejas que fazem parte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), convidando as que se dispuserem a caminhar junto, resgatando as celebrações ecumênicas e outras formas de expressão e tradição religiosa. Tarefa e missão nada fácil, mas exigente e urgente. Que o Espírito Santo suscite caminhos e pessoas capazes de aproximação, de escuta e diálogo.

8) Autoridade e participação

O clericalismo está ainda muito presente e tem crescido muito na vida da Igreja no último quartel de século. Este aspecto é considerado, em muitos relatos, como um aspecto que dificulta a participação das pessoas e das famílias na comunidade, limitando e impedindo, por conseguinte, a descoberta, o crescimento e a formação de lideranças leigas nos serviços e pastorais. Com uma das formas de clericalismo, destacamos a postura autoritária e concentradora de muitos padres e religiosos. Além disso, destacamos, com muita tristeza e dor, que, em muitas paróquias, comunidades, serviços e pastorais que não há projetos de pastoral que deem continuidade ao trabalho e à missão. Os projetos e as ações andam, muitas vezes ou na maioria das vezes, de acordo com os gostos dos padres ou dos que se sentem donos das comunidades. Infelizmente, tem-se muito mais ações do que processos. Muitos padres, por convicções, visões diferentes e, às vezes, até por ciúmes de seus colegas, não dão continuidade ao trabalho de seus próprios colegas, sobretudo, por ocasião de transferências e nomeações, havendo, justamente, por isso, a quebra de processos. Essa atitude se reproduz, infelizmente, mais do que podemos imaginar, inclusive, em algumas e muitas lideranças, as quais, em suas comunidades, serviços e pastorais, também, agem com autoritarismo e concentração de poder, dificultando a integração pastoral entre as próprias lideranças e pastorais. Sentimos que o poder está mais saliente que a missão e a beleza de servir gratuitamente. Destacamos, também, as muitas manifestações de machismo no ambiente eclesial, tanto com relação à atuação dos padres, como também, dos leigos.

O clero, e, também, muitas lideranças e coordenações precisam ter o cuidado de não manipular as decisões da comunidade e dos conselhos comunitários e paroquiais, e, muito mais, aprender a escutar, opinar e propor ideias, visando a tomar as decisões em conjunto e em comunhão e participação. É imprescindível a superação do clericalismo. Faz-se urgente também a descentralização do poder, uma vez que a centralização acentuada do poder leva como consequência à perda da visão da realidade e do todo, justamente, porque o foco está na manutenção do poder e dos privilégios. Quanto às coordenações, de qualquer segmento pastoral, especialmente, as paroquiais, as regionais e as diocesanas, elas precisariam ter a presença dos leigos e leigas, a fim de evitar que os espaços de decisão sejam sempre ocupados, tão-somente, por padres e ou religiosos. Ainda, na organização interna da Igreja, faz-se necessário avaliar o trabalho dos Ministros Ordenados (padres), quando eles já estão, há muito tempo, à frente de uma paróquia, uma vez que essa situação pode levar ao comodismo e à formação de grupos que se fecham, não permitindo a outras pessoas interagirem e integrarem os serviços e as pastorais. Ao mesmo tempo, e, por sua vez, salientamos que, quando vier a acontecer a troca e transferência do pároco ou do padre que auxilia, ser necessária a atenção, para que haja continuidade no trabalho e na ação evangelizadora, dando-se, por isso, por evidência, a importância, tanto do Plano de Pastoral, como também, do Conselho Paroquial de Pastoral e do Regimento Diocesano das Comunidades, enquanto critérios básicos de atuação, isto é, balizadores de pastoral para padres e leigos, acima, portanto, de quaisquer gostos e ideologias pessoais. Para contribuir com a organização e vivência das comunidades, surgiram muitas manifestações para a

motivação e reanimação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a fim de que possam ser também meios para formar verdadeiras *Comunidades Eclesiais Missionárias*.

9) Discernir e decidir

Para crescermos no nosso “caminhar juntos” em direção ao Projeto do Reino de Deus, no qual todos têm vida e dignidade, o Espírito Santo nos convida a sermos perseverantes, dinâmicos e atentos às necessidades da atualidade, a não desistir e nem perder a esperança, e, tampouco, a alegria. Convida-nos a agir com mais solidariedade, acolhida, amor ao próximo, união, comprometimento, doação, oração, e, por conseguinte, conversão. A urgente conversão pastoral exige, pois, abertura sempre maior à humildade, passando a respeitar opiniões, a escutar e a dialogar com a diversidade e a diferença, ultrapassando os paradigmas incrustados, e, muitas vezes, petrificados.

Precisamos falar e aprofundar mais assuntos que são polêmicos e que a sociedade muitas vezes julga e ignora o sofrimento e a dor que existe por trás das drogas, álcool, suicídios, abusos e aborto. Houve manifestação de muita preocupação com relação ao “estrago” causado por este ambiente e espaço de vazio existencial e a busca de preenchimento de sentido por meio das drogas e do álcool, quando não, infelizmente, não raras vezes, chegando ao suicídio.

Neste contexto o Espírito nos convida e motiva na ação evangelizadora, sobretudo, após este período desafiador da pandemia, é retomar, reforçar, fortalecer e organizar os Conselhos de Pastoral, sejam eles comunitários, paroquiais ou diocesanos, com representatividade das pastorais, dos serviços, dos movimentos e das entidades das comunidades de bairro, para ser o caminho de construção coletiva, mediante a escuta aberta e qualificada dos participantes e dos representantes da comunidade, buscando ir além dos problemas internos da Igreja, mas abrindo-se para os problemas locais que a comunidade e sociedade possuem, nos mais diversos seguimentos: saúde, moradia, emprego, lazer, cuidado com o ambiente, saneamento básico. Para isso, além de articular e reforçar as pastorais, serviços e movimentos, os representantes precisam participar das instâncias de planejamento e de decisão das comunidades, paróquias e diocese.

10) Formando-nos na sinodalidade

Um fator muito frisado, principalmente, nos grupos e conselhos, foi a necessidade de levar adiante as escolas diocesanas para formação permanente (*Escola de Fé, Política e Trabalho, Escola de Teologia para Leigos, Escola Catequética, Curso de Animação Bíblico Pastoral, Escola de Comunicadores, Escola de Liturgia, Curso Bíblico-Pastoral, Fórum Social das Pastorais Sociais e Movimentos Sociais*), de forma sinodal, principalmente, para coordenações e lideranças, assim como a formação integral do indivíduo, como meio fundamental na construção do caminhar juntos. Com o povo, é importante utilizar-se de uma linguagem acessível e adequada à realidade das pessoas, investindo sempre mais nas escolas de Teologia e Bíblia, em cursos bíblicos, e em espaços de discussões e partilha sobre a realidade social e política, permitindo que aconteça o processo de amadurecimento na fé.

Temos muitos cursos de formação, mas é urgente retomar a formação integral dos leigos e leigas, valorizando os diferentes dons, carismas e talentos das pessoas. Faz-se imprescindível investir na formação dos leigos e leigas e na valorização e comunhão dos serviços e ministérios diversos dentro (*ad intra*) e fora (*ad extra*) da Igreja. Precisamos ter clareza da importância da formação laical para a transformação do mundo, já que cada pessoa cristã precisa ser sal e luz do Evangelho da Boa Notícia nas instâncias e ambientes em que estiver atuando. Encontrar-se verdadeiramente com Cristo implica, pois, a adesão, a conversão, o testemunho e o anúncio do “Evangelho da alegria”. Foi pontuada, também, a

necessidade de rever a formação dos novos padres, com uma perspectiva mais humana, de atendimento personalizado ao Povo de Deus, para estarem mais presentes na vida das comunidades, mais próximos das pessoas, das famílias e das comunidades. E, tematizando-se e enfatizando-se, tanto a formação laical, quanto a formação diaconal, e, também, presbiteral, queremos acentuar a riqueza e o significado fundamental do compromisso e da responsabilidade da Igreja Diocesana com a formação do Povo de Deus todo, mas, especialmente, das lideranças, dos diáconos, dos presbíteros, buscando tornar a Igreja cada vez mais, de fato, *Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão*.

À luz do método ver (escutar), julgar e agir, fundamentado, sobretudo, nos Documentos do Magistério da Igreja e nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil da Conferência Nacional do Brasil (2019-2023), organizou-se o Plano de Pastoral da Diocese de Caxias do Sul que propõe 12 linhas de ação no âmbito das diversas pastorais, serviços e movimentos da Diocese, para serem implementadas e realizadas nos próximos anos, especialmente, 2022 e 2023. Tem sido expresso nas respostas, que o Plano de Pastoral da Diocese, lançado em 2020, seja mantido por mais tempo, para facilitar a organização pastoral e permitir a logística de todos os processos de unidade e comunhão diocesana.

Considerações finais

A Etapa Diocesana de Escuta demonstrou a riqueza da nossa Igreja Diocesana, mesmo tendo sido respondido, por um percentual pequeno da população, mas por um percentual muito considerável de lideranças e pessoas engajadas nos serviços, grupos, movimentos e pastorais, que discutiram, deram sua opinião pessoal e comunitária, apresentando os diversos aspectos e realidades de praticamente todas as comunidades da diocese. Pode-se afirmar que nas respostas estiveram presentes aproximadamente 5 mil pessoas. A riqueza também se intensificou na posição e na visão das respostas, que ora se mostraram contraditórias, ora complementares, ora inovadoras, deixando evidente que somos um povo que busca a unidade na diversidade e atestou que o processo sinodal precisa realizar-se na vida da Igreja. Dando continuidade em todas as esferas, seja ela da comunidade, da paróquia, ou, também, da diocese, é importante continuar o caminho de fortalecimento dos vínculos e do caminhar juntos, rumando e crescendo sempre mais na responsabilidade e no compromisso com o cuidado e com o zelo pela vida de todo o Povo de Deus, enfrentando e superando divisões, a polaridade das opiniões e das ideias, deixando as individualidades de lado e buscando unir na comunhão e participação as pessoas, os grupos, os movimentos, as pastorais, a fim de sermos uma Igreja sempre mais fiel à missão deixada por Jesus Cristo na força do Espírito Santo.

O poder vivificante do Espírito Santo nos inspirou a aprender com as experiências de sofrimento e de provação para traçar um novo caminho de gratuidade e amor ao próximo, pensando, pois, no bem comum, ajudando, física, espiritual e até financeiramente, sem julgar. Urge planejar bem as ações de combate à fome, ao desemprego, à exploração, à falta de direitos, sendo, portanto, importante implementar a reorganização e o fortalecimento das pastorais, voltadas ao social, ao cultural, ao político, frisando, por sua vez, o sentido da boa política e da busca pelo bem comum. É importante ir superando a cultura do descarte, fomentando, por outro lado, a cultura do encontro e do cuidado. Sublinhamos ainda a importância de pensar e executar caminhos e processos que levem à promoção do ser humano de modo integral, por meio, de cursos profissionalizantes, tais como, de artesanato, de alimentação, de inclusão social em programas sociais, partindo das necessidades concretas das pessoas, da realidade de exclusão, da vida e do trabalho, à luz da perspectiva da fé que nasce do encontro transformador com Jesus de Nazaré, que acolhe, perdoa, cura e envia em missão.

Nesse caminho de escuta destacou-se o respeito à diversidade, em especial à mulher. Mais do que valorizar a mulher na Igreja é premente reconhecer seu trabalho, suas qualidades, sua vida doada nas comunidades e às pastorais. Faz-se emergente superar, de vez por todas, a

discriminação e o preconceito que oprimem e subjugam não só as mulheres, mas, também, os idosos, as crianças, os jovens e as pessoas que não conseguem seguir os papéis sociais impostos culturalmente. Destacou-se, também, a importância de valorizar as pastorais com suas lideranças, sejam elas mais ou menos experientes na vida da Igreja, buscando intercalar e integrar as pessoas com mais idade e vivência, e insistir, sempre, de novo, no convite dirigido às pessoas, a fim de que haja sempre novas lideranças, zelando e cuidando, para não sobrecarregar algumas pessoas em diversos serviços e pastorais. Para que isso ocorra, a formação permanente foi apontada como indispensável não só para lideranças, mas para todo o Povo de Deus. É prudente criar espaços e alternativas de formação nos mais diversos níveis, a fim de envolver a todos e criar lideranças que saibam partilhar e coordenar.

Outro aspecto forte que apareceu neste momento de escuta é o trabalho com a juventude. É importantíssima e real a necessidade de incentivar e inserir as juventudes na Igreja, ou melhor, aprender, estudar, encontrar meios e caminhos para ir ao encontro das juventudes. As opiniões divergem em mostrar ao jovem a beleza em seguir a tradição e o rito nas celebrações, por um lado, e entre inovar as mesmas para cativar e animar os jovens a participar, por outro lado. Porém, das opiniões a unanimidade é que há a necessidade em oportunizar espaços de participação, escuta e vivência da fé dos jovens nas comunidades e paróquias.

Nesse processo Sinodal, os Conselhos de Pastoral nas suas diversas instâncias foram apontados como um meio e uma instância de trabalho para levar adiante o processo sinodal, sendo os mesmos espaços de escuta, de partilha e de planejamento. Eles precisam ser revitalizados e organizados seguindo as orientações dispostas no Regimento e Plano de Pastoral da Diocese, para que seja possível trabalhar em comunhão e participação na missão de evangelização. É imprescindível criar espaços, cada vez mais, espaços que proporcionem a escuta, a cultura do encontro, de fraternidade, de paz e de solidariedade. Não podemos mais esperar e fazer de conta que as coisas estão bem e vão melhorar com toques de mágica. É tempo e oportunidade para o fortalecimento e o desenvolvimento integral de um novo humanismo.

Caxias do Sul, 03 de julho de 2022.

*Equipe diocesana do Sínodo
Diocese de Caxias do Sul*